



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS**

**INCLUSÃO DA CRIANÇA COM NECESSIDADES ESPECIAIS DE SAÚDE NO  
CENÁRIO ESCOLAR: COMO A ENFERMAGEM PODE COLABORAR?**

**LAVRAS**

**2021**

**VANESSA PEREIRA MENDES**

**INCLUSÃO DA CRIANÇA COM NECESSIDADES ESPECIAIS DE SAÚDE NO  
CENÁRIO ESCOLAR: COMO A ENFERMAGEM PODE COLABORAR?**

Monografia apresentada ao Centro Universitário  
de Lavras como parte das exigências do curso de  
Bacharelado em Enfermagem.

**ORIENTADORA**

Prof<sup>a</sup> Ma. Rosyan Carvalho Andrade

**LAVRAS**

**2021**

**VANESSA PEREIRA MENDES**

**INCLUSÃO DA CRIANÇA COM NECESSIDADES ESPECIAIS DE SAÚDE NO  
CENÁRIO ESCOLAR: COMO A ENFERMAGEM PODE COLABORAR?**

Monografia apresentada ao Centro  
Universitário de Lavras como parte  
das exigências do curso de  
Bacharelado em Enfermagem.

---

**ORIENTADORA**

Prof<sup>a</sup> Ma. Rosyan Carvalho Andrade

---

**PRESIDENTE DA BANCA**

Prof<sup>a</sup> Ma. Estefânia Aparecida de Carvalho Pádua

**LAVRAS – MG  
2021**

Ficha Catalográfica preparada pelo Setor de Processamento Técnico  
da Biblioteca Central do UNILAVRAS

M538i Mendes, Vanessa Pereira.  
Inclusão da criança com necessidades especiais de saúde no  
cenário escolar: como a enfermagem pode colaborar? / Vanessa  
Pereira Mendes. – Lavras: Unilavras, 2021.  
48 f.

Monografia (Graduação em Enfermagem) – Unilavras,  
Lavras, 2021.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Rosyan Carvalho Andrade.

1. Educação inclusiva. 2. Crianças com necessidades  
especiais de saúde. 3. Professores. I. Andrade, Rosyan Carvalho  
(Orient.). II. Título.

## DEDICATÓRIA

*Dedico e agradeço aos meus pais, e minha família exemplos de: fé, humildade,  
bondade e imenso amor.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que por sua força maior e eterna misericórdia sempre me guiou e sustentou até aqui. Aos meus pais, Lazaro Donizete e Jovania , que, em todo instante, torceram por mim e nunca deixaram de acreditar que esta etapa era fundamental e um sonho em minha vida. Estiveram, mesmo de longe, em pensamentos e orações comigo, transmitindo um carinho que sempre recebi com tamanha intensidade e amor. Dizer obrigada é pouco, amo vocês!

Aos meus irmãos, Viviane e Renan, pelo apoio e compreensão nos momentos em que não pude estar presente. Aos meus cunhados Graciela e Rafael que são pessoas extremamente compreensivas e de bom coração. E aos sobrinhos lindos e carinhosos que me deram de presente: Rafaela, Felipe, Gabriela, Gabriel. E a minha afilhada Mariana, Elisane, tia Juliana, Tia Graça e Tio Mirto, Rose, que me deram carona, rezaram por mim, estiveram comigo, me ajudaram de alguma forma que cada um sabe o seu papel nessa minha jornada. E aos demais familiares e conhecidos, que sempre torceram por mim e isso é o maior bem que posso ter em minha vida.

À minha orientadora, professora Rosyan, pelo compromisso, ensinamentos e imensa dedicação e paciência. Conseguimos percorrer essa etapa com determinação, obrigada por tudo que se empenhou a fazer por mim e por este trabalho.

Aos amigos que ganhei e que me proporcionaram momentos de felicidade. Foi um grande presente a construção de vínculos de amizade com todos vocês, guardarei com carinho todas as lembranças destes cinco anos que pareceram ser dois anos, de tão rápido e intenso que foram. As oportunidades de conversas, desabafos e diversão proporcionados, foi o maior prazer conhecê-los, momentos únicos e cheios de histórias para a minha vida que se estenderá para todo o SEMPRE estarão em um lugar especial no meu coração!

Agradeço aos funcionários do Unilavras especialmente a equipe do CME, onde tive a oportunidade de fazer meu estágio de 2 anos, onde enriqueci com os aprendizados e a experiência de estar ao lado de pessoas do bem.

Agradeço ao PIBID Unilavras, pela minha bolsa com o projeto de iniciação científica. A todos os profissionais que participaram dessa pesquisa, pelas suas valiosas contribuições, agradeço de coração.

E por fim eu não poderia deixar de agradecer a todos os profissionais com os quais tive o prazer de ter como os professores, ambientes de estágios. onde aprendi muito e cresci durante os cinco anos de faculdade. Construí a certeza de que ser enfermeira é gratificante e que podemos fazer a diferença na vida de cada um que temos a oportunidade de encontrar. Obrigada a todos: da Estratégia de Saúde da Família: PSF 09, 07, 16 de Lavras-MG, Hoje vejo que sou uma pessoa e um futuro profissional melhor e continuo com o desejo de sempre crescer a cada caminhada!

## RESUMO

**Introdução:** Crianças com necessidades especiais de saúde (CRIANES) são aquelas que apresentam limitações no desenvolvimento e estilo de vida devido a complicações perinatais, disfunções congênitas ou condições crônicas. Atualmente, estão sendo inseridas no cenário escolar. **Objetivos:** Conhecer a experiência de professores na inclusão de CRIANES em escola regular e identificar os principais desafios e estratégias de enfrentamento apontados por eles neste cenário. **Método:** Estudo estudo descritivo, com análise qualitativa, cujos participantes foram professores da educação infantil e fundamental de um colégio privado no Sul de Minas Gerais. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo. **Resultados:** Foram entrevistados 32 professores que atuavam como regentes ou assistentes na instituição selecionada. Os resultados foram organizados em duas categorias: Desafios vivenciados pelos professores e Estratégias facilitadoras. Os principais desafios apontados foram insegurança e receio diante da responsabilidade, conhecimento limitado sobre o diagnóstico e as limitações, necessidade de adaptação do ensino e falta de experiência no manejo de intercorrências. Foram apontadas estratégias já utilizadas pelos docentes, como busca por maiores conhecimentos, parceria entre regente e assistente, apoio de profissionais de enfermagem que trabalham na instituição. A parceria com a família e com os profissionais de saúde envolvidos na assistência à criança e oferta de cursos e treinamentos foram apontadas como recursos importantes e necessários. **Considerações finais:** Este estudo mostrou a importância de parcerias entre profissionais de saúde e os que atuam no ensino, por meio da partilha de conhecimento, com vistas à qualificação da assistência e garantia da segurança das CRIANES no contexto educacional.

**Palavras- chave:** Educação inclusiva, Crianças com Necessidades Especiais de Saúde, Professores.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	<b>12</b>
<b>3 JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>13</b>
<b>4 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>14</b>
4.1 Crianças e Adolescentes com Necessidades Especiais de Saúde.....	14
4.2 CRIANES e sua demanda de cuidados .....	15
4.3 Direitos das Crianes perante a escola regular .....	16
4.4 A inclusão escolar.....	17
4.5 CRIANES e o papel da enfermagem .....	19
<b>5. MÉTODO</b> .....	<b>21</b>
5.1 Tipo de Estudo.....	21
5.2 Local de pesquisa .....	21
5.3 Participantes .....	21
5.4 Considerações Éticas .....	22
5.5 Procedimentos para coleta e análise dos dados: .....	22
<b>6 RESULTADOS</b> .....	<b>25</b>
<b>7 DISCUSSÃO</b> .....	<b>32</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>37</b>
<b>9 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>38</b>
<b>APÊNDICE I</b> .....	<b>45</b>
<b>APÊNDICE II</b> .....	<b>47</b>
<b>APÊNDICE III</b> .....	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo a agenda social da OMS (2011), a deficiência não é mais atípica, distante e impalpável como nas décadas anteriores, ela faz parte da condição humana, visto que todos estão propícios a desenvolverem dificuldades no decorrer da vida, sejam elas temporárias ou permanentes e, portanto, deve continuamente ser alvo de políticas públicas, para que sejam estabelecidas condições de vida dignas a toda a população (LUNA; NAIFF, 2015; ALVES; JUNIOR; AVANTE, 2015).

As últimas décadas foram marcadas por avanços significativos que mudaram o perfil epidemiológico da infância, tanto a nível nacional como internacional. Tais avanços, dentre outros benefícios, têm melhorado o prognóstico e aumentado a expectativa de vida de muitas crianças em condições anteriormente consideradas fatais, resultando na diminuição do índice de mortalidade infantil e aumento das condições crônicas na infância (NEVES *et al.*, 2017; ROSSETTO *et al.*, 2019). Alguns exemplos desses avanços são a melhora na assistência a recém-nascidos prematuros extremos e o desenvolvimento de tecnologias portáteis de manutenção da vida, tais como nutrição enteral ou parenteral e ventilação mecânica (DIAS *et al.*, 2019; GÓES; CABRAL, 2017).

Segundo Newacheck e seus colegas (1998), o termo Crianças com Necessidades Especiais de Saúde (CRIANES) surgiu há quatro décadas atrás, em substituição à expressão “crianças aleijadas” e refere-se àquelas crianças que apresentam ou correm o risco de desenvolver uma condição crônica, seja ela física, comportamental ou emocional e que, devido a essa condição, demandam mais assistência e recursos por parte dos serviços de saúde (CABRAL *et al.*, 2020; CRUZ *et al.*, 2017; INÁCIO; PEIXOTO, 2017; NOGUEIRA REIS *et al.*, 2017).

Além de aumentar as chances de sobrevivência, o avanço da ciência e tecnologia tem possibilitado que muitas CRIANES recebam alta hospitalar e façam acompanhamento a nível ambulatorial, com aumento da qualidade de vida, através de sua adaptação e inclusão na sociedade (LUNA; NAIFF, 2015). Entretanto, não se pode ignorar o fato de que a grande maioria dessas crianças apresentarão limitações no decorrer de sua trajetória, que poderão afetar o seu nível de atividade e envolvimento e aumentar o risco de apresentarem problemas comportamentais ou emocionais (HOCKENBERRY; WILSON e RODGERS, 2018). Além disso, a maioria dessas crianças necessita de cuidados específicos como administração sistemática de medicamentos, dieta especial e uso de aparatos tecnológicos, ou

seja, que requerem cuidados temporários ou permanentes de saúde. (ROSSETTO *et al.*, 2019; SILVEIRA; COSTENARO; NEVES, 2020), o que torna imprescindível o apoio de familiares, amigos, profissionais e instituições de saúde ( CALDAS *et al.*, 2019; VIANA *et al.*, 2018).

Nesse contexto, a educação inclusiva é uma das temáticas que vem sendo amplamente difundidas, visto que propõe a facilitação do processo de socialização de um público que antes era segregado e inferiorizado por suas deficiências e limitações (ALVES; JUNIOR; AVANTE, 2015). Recentemente foi instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência lei nº13.146 Julho 2015, que determina a integração completa do indivíduo, garantindo direito à igualdade e oportunidades em relação à acessibilidade, educação, trabalho, lazer, e à luta contra o preconceito e a discriminação (BRASIL, 2015). Outros exemplos de dispositivos jurídicos são a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o artigo nº 208 da Constituição Federal de 1988 e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, que asseguram a matrícula e permanência de qualquer aluno na rede educacional (BRAZ-AQUINO; FERREIRA; CAVALCANTE, 2016). Desde então, tem-se presenciado uma migração dos alunos das escolas especializadas para as classes comuns nas escolas regulares (CARVALHO-FREITAS *et al.*, 2015; SOUZA; MINETTO, 2017).

Ser incluído na escola regular é uma oportunidade rica e positiva para crianças com necessidades especiais, entretanto, recebê-las diariamente durante o período letivo é uma responsabilidade complexa, visto que muitas das restrições ao processo de inclusão escolar de CRIANES fundamentavam-se na falta de preparo de profissionais, educadores e estrutura física da escola (SOUZA; MINETTO, 2017). Embora estas restrições tenham diminuído nos dias atuais, estudos comprovam que muitos dos professores ainda sentem-se inseguros e receosos em relação às condutas adequadas na assistência a essas crianças, principalmente no que diz respeito ao manuseio de dispositivos tecnológicos e ao manejo de intercorrências (AVELINO; FERRAZ, 2021; BRAZ-AQUINO; FERREIRA; CAVALCANTE, 2016; CALDAS *et al.*, 2019; VIANA *et al.*, 2018).

Nesse sentido, levantaram-se as seguintes questões de investigação: Como é a vivência e quais os principais desafios apontados pelos professores que lecionam para crianças com necessidades especiais de saúde na escola regular? Como esses professores gostariam de ser apoiados pelos profissionais de saúde?

## **2 OBJETIVOS**

Conhecer a experiência de professores que lecionam para CRIANES e quais os principais desafios identificados por eles.

Compreender como esses professores gostariam de ser apoiados pelos profissionais de saúde.

### 3 JUSTIFICATIVA

A introdução de CRIANES nas escolas regulares é essencial para promover autonomias sociais e civis. No entanto, embora venha ganhando espaço, requer mudanças de questões culturais, éticas e sociais. Neste sentido, é necessário que sejam promovidos pensamentos crítico-reflexivos que abram caminhos para uma inclusão escolar plena (RIGO; OLIVEIRA, 2021).

É de fundamental importância que os profissionais de saúde atuem em prol do fortalecimento das redes de amparo às CRIANES e seus familiares, para que estas sejam inseridas na sociedade de maneira adequada e saudável. Estes profissionais também são responsáveis por promover a articulação entre os serviços de saúde e as demais redes envolvidas na assistência à essas crianças, além de proporcionarem partilha de conhecimento, com escuta e assistência qualificadas (LIMA *et al.*, 2021).

Luna e Naiff (2015) defendem a importância de que sejam feitos estudos no sentido de identificar o conhecimento que circula entre os indivíduos que convivem com a deficiência, na forma como tratam essas questões em seu dia-a-dia, de modo que se amplie o debate sobre essa temática e sejam elencadas e desenvolvidas ações significativas de apoio e inclusão. Além disso, a temática das diferenças e deficiências, sejam elas físicas ou mentais, tem sido objeto de grandes discussões e reflexões nos dias atuais, as minorias que antes eram segregadas e ignoradas, hoje assumem um lugar ativo na pauta dos direitos humanos civis e sociais (ALVES; JUNIOR; AVANTE, 2015).

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

### 4.1 Crianças e Adolescentes com Necessidades Especiais de Saúde (CRIANES)

Crianças e Adolescentes com Necessidades Especiais de Saúde (CRIANES) são aqueles indivíduos, na faixa etária de 0 a 18 anos incompletos, que apresentam ou correm o risco de desenvolver alguma condição crônica, seja ela física, desenvolvimento, comportamental ou emocional (BARREIROS; GOMES; MENDES, 2020; NOGUEIRA REIS *et al.*, 2017; ROSSETTO *et al.*, 2019; SILVEIRA; COSTENARO; NEVES, 2020). Esta clientela demanda cuidados especializados tecnológicos ou medicamentosos, de caráter temporário ou permanente, além do esperado, o que pode gerar limitações no seu estilo de vida (CABRAL *et al.*, 2020; CRUZ *et al.*, 2017; INÁCIO; PEIXOTO, 2017; NOGUEIRA REIS *et al.*, 2017).

Onde as CRIANES são classificadas conforme a demanda de cuidado de que necessitam, nas quais destacam-se: de desenvolvimento, tecnológico, medicamentoso, habituais modificados e crianças de cuidados mistos, que demandam de mais cuidados além do esperado para idade. (DIAS *et al.*, 2019; LIMA *et al.*, 2021; ROSSETTO *et al.*, 2019). No primeiro, inclui crianças com atraso de desenvolvimento para a idade e que necessitam de serviço de reabilitação psicomotora e social. No segundo, estão as crianças em uso de dispositivos mantenedores da vida, que necessitam de bolsas de colostomia, cânula de traqueostomia, hemodiálise etc. No terceiro, aquelas que fazem uso contínuo de algum fármaco, por exemplo, insulina, anticonvulsivantes entre outros. No habitual modificado, incluem as que apresentam necessidade de modificações na forma habitual de realizar as tarefas diárias comuns, que precisam de adaptações nas atividades rotineiras como a alimentação, locomoção quando comparada com outra criança da mesma faixa etária. E por fim os cuidados mistos, as crianças possuem uma ou mais das demandas anteriores, excluindo-se a tecnológica (GÓES; CABRAL, 2017; INÁCIO; PEIXOTO, 2017; CABRAL; MORAES, 2015). Ou seja, CRIANES representam um grupo que requer cuidados específicos e diferenciados de saúde (MONNERAT *et al.*, 2016).

Os avanços científicos e tecnológicos para manutenção de vida e o desenvolvimento de políticas públicas de atenção ao pré-natal de alto risco propiciaram mudanças nas taxas de mortalidade infantil a nível mundial (SILVEIRA; NEVES, 2019, 2017). Crianças e adolescentes que requerem equipamentos cada vez mais sofisticados e dotados de recursos indispensáveis, como também de mão de obra especializada para atender as demandas de procedimentos também

complexos hoje recebem alta hospitalar e passam a ser acompanhadas em nível ambulatorial, com significativa melhora da sua qualidade de vida (NEVES *et al.*, 2017; ROSSETTO *et al.*, 2019; SILVEIRA; COSTENARO; NEVES, 2020).

No Brasil, segundo Silveira, Neves (2017), ainda não há dados concretos sobre a proporção de CRIANES em relação à população em geral, nem foram desenvolvidas políticas públicas específicas para elas, ocasionando a invisibilidade destas. Contudo, tem-se a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC), que implementa estratégias para proteção e promoção da saúde infantil, como o Plano Terapêutico Singular (PTS), o Serviço de Atenção Domiciliar (SAD), além de programas de desospitalização e seguimento do cuidado às crianças no contexto da atenção primária, e conta também com a constituição da Rede de Atenção à Saúde (RAS) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

#### 4.2 CRIANES e sua demanda de cuidados

Grande parte dos cuidadores não tem experiência com os cuidados como alimentação, eliminação, hidratação, segurança, promoção e conforto, para o bem estar e administração de medicamentos, entre outros. Sendo assim, acabam por aprender a maioria das técnicas de cuidados na prática do dia a dia e muitas das vezes sozinhos, devido à falta de orientação e também ao tempo a ser gasto para buscar saberes fora de casa (NEVES *et al.*, 2017; NOGUEIRA REIS *et al.*, 2017; PONCE; ABRÃO, 2019).

O acompanhamento dessas crianças irá requerer de suas famílias uma reestruturação em sua forma de organização, para darem conta das demandas de cuidados que elas possam necessitar, como resultado das novas formas de cuidado, na maioria das vezes desconhecidas e extremamente complexas. Segundo Silveira, Costerano e Neves (2020), é indispensável uma rede de apoio de cuidados institucionais de saúde para com as CRIANES e seus familiares.

Os achados de Lima e seus colegas (2021), evidenciam a dificuldade das famílias e cuidadores de CRIANES para com acesso às redes de atenção à saúde, visto que estas não fornecem um atendimento de integral, rápido e eficaz para com as CRIANES. As CRIANES necessitam de mais atenção dos serviços de saúde do que já é ofertado, devido aos riscos de saúde e à fragilidade clínica física, social, psicológica (NEVES *et al.*, 2017; SILVA; CARVALHO, 2017).

A literatura reforça que deve sobressair o papel do enfermeiro e de profissionais de saúde no processo de implementação e desenvolvimento nos cuidados com as CRIANES de forma integral, sobretudo para superar o paradigma e o atual cenário. O enfermeiro é o ponto principal a realizar um elo de apoio

informativo/formativo por meio de escuta, atenção e cuidado, estabelecendo trocas de conhecimento e criando práticas educativas para auxiliar e proporcionar a colaboração entre saúde/educação (NOGUEIRA REIS *et al.*, 2017; ROSSETTO *et al.*, 2019; SILVA; CARVALHO, 2017).

#### 4.3 Direitos das Crianças perante a escola regular

É de direito das CRIANES constitucional condições de acesso e igualdade nas escolas, sem que haja discriminação de forma a receber aprendizado e habilidades para seu dia a dia (SILVEIRA; COSTENARO; NEVES; 2020). Em 2015 entrou em vigor a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº: 13.146, 6 de julho de 2015), consigo um grande passo para as pessoas com deficiência, onde amplia a integração total, visando que as escolas passem a receber estudantes com deficiências e com isso adote melhorias e medidas de adaptações necessárias para abrangê-los. A escola é o alicerce para esse desenvolvimento, nesse intuito, ela deve se preparar para trabalhar com a diversidade valorizando todos os indivíduos como seres singulares, visto que é a escola que fortalece e prepara a criança para a sociedade, neste ambiente que se quebra os paradigmas e preconceitos sobre os estudante com necessidades especiais. (SILVEIRA; COSTENARO; NEVES; 2020).

O direito das crianças com necessidades especiais ao acesso, a permanência escolar e a educação de qualidade foram fixados na Declaração de Salamanca, em (1994); onde afirma que, faz necessária a ajuda de professores capacitados, para atender as necessidades específicas dessas crianças.

No Brasil, até 1970 o atendimento às crianças com necessidades especiais era oferecidos em locais especiais, ou seja, fora das escolas regulares de ensino. Porém, esta proposta, passou a ser vista como excludente no final da década de 1980, quando surgiu outra forma de perceber a criança com necessidades especiais, agora com a proposta da Inclusão. A inclusão de crianças com necessidades especiais, faz-se necessária, desde que aconteça em qualquer segmento, independente da necessidade que a criança apresente, as pessoas devem ter acesso e oportunidades na sociedade onde estejam inseridas. Visto que a legislação prevê, por meio da Lei nº 8.069/90 no Art. 54, inciso III, “o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 2010a, p. 31).

Visto que a educação é um direito de todos, com base na Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988) e respaldo na Lei 9.394/1996 (1996), que institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional–LDB, sendo intensificado pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 (2008), na Declaração Mundial de Educação para Todos, e

na Declaração de Salamanca (1994), além de muitas outras leis, decretos e portarias, que garantem a todos direito à educação e colocam a importância de que as instituições adequem seus espaços, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, a fim de atenderem às necessidades individuais dos alunos.

Assim, com base na nova Lei de Diretrizes e Bases na Lei nº 9.394/96 e o apoio a PPNEE (Pessoa Portadora de Necessidades Educativas Especiais) o ensino regular e sua inserção na sociedade, visa uma revolução de valores que exigem mudanças e adaptações na estrutura da sociedade e na educação. ( lei nº: 9.394, de 20 de dezembro de 1996 )

É necessário considerar que instituições de ensino em todo o país devem receber essa nova demanda de alunos. Desse modo, faz-se imprescindível que haja professores capacitados para a educação inclusiva, espaços físicos adaptados e outros demais recursos, que possam garantir e viabilizar o ensino (BATISTA; MOUTINHO, 2019).

Todavia, para uma excelência na educação inclusiva brasileira, deve-se considerar definições amplas, como reconhecer que todas as crianças podem aprender, ou seja, que a comunidade escolar compactue com a estrutura física adaptada, professores e profissionais habilitados, metodologias de ensino que possam atender às diversas necessidades e especificidades individuais de cada CRIANES (BATISTA; MOUTINHO, 2019).

Ainda nesse contexto, que atribui direito à educação, deve ser assegurado a todo indivíduo a igualdade de oportunidades para a construção da identidade pessoal, sendo primordial a escola. O respeito e a valorização à diversidade, pois são essenciais para que haja inclusão de qualidade para as crianças com necessidades especiais na educação, conforme as práticas inclusivas, por sua vez, podem ser consideradas como uma ação política, cultural, social e pedagógica, em defesa do direito de todos os alunos aprenderem e participarem das atividades escolares, sem qualquer tipo de preconceito (COELHO; CAMPOS; BENITEZ, 2017).

#### 4.4 A inclusão escolar

A inclusão acolhe o aluno com necessidades especiais e o faz sentir-se aconchegado à escola e ao grupo da comunidade escolar, possibilitando o convívio entre crianças com desenvolvimento típico e atípico, de modo a diminuir a incidência da discriminação e preconceitos, com melhor aceitação da diversidade. Sendo que a escola é responsável pelo aluno, de modo a promover e desenvolver uma pedagogia capaz de educar, socializar, e ensinar o respeito às diversidades

(BATISTA; MOUTINHO, 2019).

Sendo a inclusão escolar essencial para autonomias sociais, o processo de inclusão escolar para com as CRIANES confere visibilidade para que haja cada vez mais um olhar direcionado para este grupo. A interação entre o papel da família e da escola é um marco também importante, e ofertar formação continuada em habilidades sociais aos professores, ajuda significativamente para a inclusão desses alunos no contexto educacional. O apoio da família sempre em contato com a comunidade escolar, um relacionamento direto entre professores, CRIANES e família torna-se então imprescindível para uma boa harmonização (CABRAL *et al.*, 2020; NEVES *et al.*, 2017; SILVEIRA *et al.*, 2020).

Uma Educação Inclusiva significa oferecer oportunidades equitativas a todos os alunos, incluindo também aqueles com necessidades especiais severas, para ocorrer uma sociedade inclusiva, necessita de um olhar amplo, perspectiva, ideias de igualdade social, e promover as condições de acessibilidade a todas as pessoas nos vários espaços sociais. A convivência com Crianes e as outras crianças favorece a quebra de preconceitos, e permite estabelecer relações que dificilmente seriam desenvolvidas noutro contexto, sendo este o intuito e papel da escola de prepará-los para uma vida digna e participativa na sociedade vigente (BATISTA; MOUTINHO; 2019).

A educação inclusiva compactua com a participação plena das CRIANES, de acordo com seus direitos institucionalizados pela Constituição Federal de 1988, Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) e Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) (Ministério da Educação, 2016).

Portanto, a educação inclusiva é parte do sistema educacional e prevê o ensino e aprendizagem regular para pessoas ditas com necessidades especiais de saúde (Ministério da Educação, 2016). As escolas são instituições que proporcionam a educação integral no desenvolvimento da criança, de modo a contribuir para com as CRIANES, seja no cognitivo, social, emocional ou físico (AVELINO; FERRAZ, 2021). Contudo faz-se essencial que tenha seja oferecidos meios para a realização da inclusão como capacitação profissional, estrutural, suporte aos professores, além da participação da família na escola (ESPER; NASCIMENTO, 2019).

São caráter da educação especial aqueles alunos com deficiência física, deficiência intelectual, deficiência sensorial, dentre outros. Uma importante estratégia adotada pelo Estado para incentivar a inclusão foi a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, criada em 2008, que contribuiu efetivamente para a transição de alunos matriculados em escolas e

classes especiais para escolas regulares e classes comuns, sendo de direito participar dos espaços e processos comuns de ensino e aprendizagem realizados pela escola (BRASIL 2008).

Contudo, atualmente na realidade encontrada são muitas as dificuldades em ocorrer a inclusão plena de fato, não é imediato a adoção de práticas que às favorecerem, devido correlação com diversos pontos que dependem para além da escola e sala de aula (BOSSI; PICCININI, 2019; DIAS *et al.*, 2019). Muitas vezes a falta da formação continuada dos professores e o despreparo em não saber trabalhar com esse aluno, são pontos de implicações neste processo de inclusão educacional. Como a falta de preparo da sociedade para inclusão da criança com necessidades especiais de cuidados múltiplos e complexos no convívio social tornando um desafio persistente (DIAS *et al.*, 2019).

Segundo Rigo e Oliveira (2021), os professores atuantes não possuem a formação adequada para lidar com as CRIANES, sendo um desafio pois há muitas carências na abordagem de conhecimentos da área de educação especial na sua formação pedagógica. Neste sentido, faz-se necessária a educação continuada de professores, visto que as CRIANES estão migrando rapidamente para as escolas regulares (RIGO; OLIVEIRA, 2021).

A formação continuada dos professores deve receber mais incentivo e apoio pois são eles que desenvolvem o processo de ensino e de fato passam a maior parte do dia com as CRIANES. A inclusão requer mudanças, desde cultura à questões éticas, sociais, e somente a formação continuada crítico-reflexiva poderá abrir caminhos para que sejam problematizados os fundamentos para a inclusão escolar plena (RIGO; OLIVEIRA, 2021).

#### 4.5 CRIANES e o papel da enfermagem

CRIANES necessitarão sempre de um acompanhamento contínuo, sendo papel do enfermeiro orientar, realizar procedimentos, cuidados, explicar medicações, ministrar palestras, desenvolver ações de educação em saúde, direcionadas à família e à comunidade, para com isso amenizar as dúvidas, ansiedades, proporcionando mais segurança para esse familiar/ cuidador (CABRAL *et al.*, 2020).

O enfermeiro deve desenvolver saberes e prática de modo que as famílias das CRIANES possam contribuir nos cuidados. Isso faz com que a tarefa de desenvolver tais práticas seja menos complexa, reforçando ainda mais a importância da enfermagem para com as famílias que necessitam dessas orientações (SILVEIRA; NEVES, 2012). Sempre lembrando que a enfermagem deve ser preparada para atender essas famílias, pois é o cuidado dos familiares em seu

domicílio que mantém a sobrevivência e bem estar dessas crianças.

O cuidador sente a necessidade do apoio da família e da equipe de saúde neste caso, principalmente da enfermagem, por isso é essencial que vislumbremos as necessidades das CRIANES, e suas famílias, de maneiras diferentes para que possamos oferecer cuidados individualizados, de acordo com suas necessidades reais, de um olhar, equipe multidisciplinar especializado, de saúde ou educacionais. Pois são dependentes contínuos dos serviços de saúde, tendo em vista sua fragilidade clínica (BARREIROS; GOMES; MENDES, 2020; INÁCIO; PEIXOTO, 2017; NOGUEIRA REIS *et al.*, 2017).

Os profissionais de saúde, especialmente a enfermagem, devem ser o elo entre os familiares e serviços, em relação a saúde e equipe multiprofissional. Devem proporcionar a escuta, atenção, e cuidados, estabelecendo trocas de conhecimento e criando práticas educativas para auxiliá-los (LIMA *et al.*, 2021).

Contudo, a literatura reforça que deve sobressair o papel do enfermeiro e profissionais de saúde no processo implementação e desenvolvimento nos cuidados com as CRIANES de forma integral, sendo assim superar o paradigma e o atual cenário da saúde para com estas CRIANES, visto que o enfermeiro é o ponto principal informativo/formativo e apoio onde pode baldear com os demais que acerbam estas, distendendo colaborar entre saúde/educação (NEVES *et al.*, 2019; NOGUEIRA REIS *et al.*, 2017; SILVA; CARVALHO, 2017). Melhorando a qualidade de vida das Crianes e seus cuidadores e proporcionar respaldo na comunidade escolar.

## 5. MÉTODO

### 5.1 Tipo de Estudo

Estudo exploratório, com análise qualitativa de dados e delineamento transversal. O estudo transversal fornece um retrato de como as variáveis estão relacionadas em um determinado momento sem que seja feito um período de acompanhamento e, por não haver acompanhamento, não ocorrem perdas no estudo (PEREIRA, 1995).

### 5.2 Local de pesquisa

A coleta de dados deste estudo foi realizada em um colégio privado num município do Sul de Minas Gerais e obteve as devidas autorizações dos órgãos responsáveis. As entrevistas foram realizadas em salas privativas, nos intervalos das aulas ou horários livres (janelas) desses professores, conforme acordado previamente com os mesmos e com a coordenação do colégio.

### 5.3 Participantes

Estimou-se para esta pesquisa um número de 30 a 40 participantes, que serão selecionados por conveniência. Entretanto, o número final de participantes foi definido a partir do momento em que os pesquisadores, através da análise progressiva e concomitante dos dados, verificaram que o conjunto de dados obtidos foi suficiente para o alcance do objetivo proposto para a pesquisa. Segundo Tracy (2010), em seu artigo sobre os critérios de qualidade em pesquisas qualitativas, não há como prever uma quantidade de tempo gasto no campo de pesquisa e o número de entrevistas realizadas deve ser apropriado e abrangente aos objetivos do estudo. Para a autora, a questão mais importante a se considerar é se os dados obtidos fundamentam afirmações significativas e importantes.

#### Critérios de inclusão:

Foram convidadas para participar deste estudo professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental, regularmente cadastrados como funcionários da instituição, independente de terem tido contato prévio com alguma criança com necessidades especiais de saúde.

#### Critérios de exclusão:

Foram excluídos os professores contratados há menos de seis meses na instituição e aqueles que não quiseram participar da pesquisa por algum motivo.

#### 5.4 Considerações Éticas

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos vinculado à Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro Universitário de Lavras, sob Protocolo CAAE nº87227518.1.0000.5116, de modo que todas as questões éticas que envolvem pesquisas com seres humanos serão respeitadas em cumprimento à nova Resolução CNS 466/2012.

Todas as participantes foram informadas sobre os objetivos e questões éticas relacionadas à pesquisa durante o convite e, após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), receberam uma via do documento. Para preservar o anonimato dos participantes, foi utilizado o número da entrevista, na apresentação dos resultados do estudo.

#### 5.5 Procedimentos para coleta e análise dos dados:

Os dados foram coletados através de encontros presenciais, que aconteceram durante o período em que as participantes estavam em seus intervalos de uma aula a outra. As entrevistas foram conduzidas pela aluna de iniciação científica, devidamente treinada pela professora supervisora e norteadas por questões semiestruturadas.

Inicialmente, foi aplicado um questionário de caracterização sociocultural (APÊNDICE II), elaborado pelas pesquisadoras. Após esse momento, os participantes foram conduzidas a descrever sua experiência e contato com CRIANES, seus conceitos e opiniões a respeito e quais as necessidades de informação, dúvidas e receios. A entrevistadora teve consigo um roteiro de questões norteadoras (APÊNDICE III), de autoria das pesquisadoras envolvidas, com base nos objetivos iniciais da pesquisa, a fim de direcionar as entrevistas e reforçar pontos importantes a serem abordados.

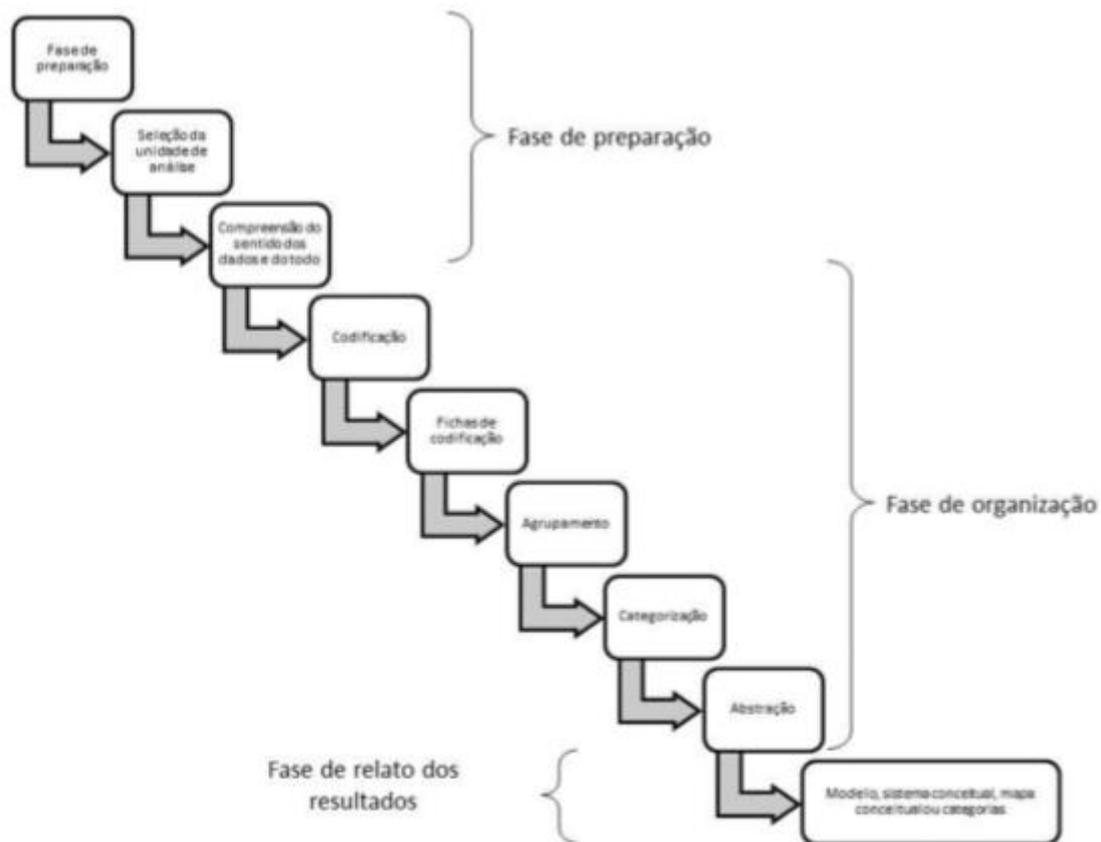
As questões norteadoras foram feitas com o objetivo de levar os professores a relatarem suas experiências para com as CRIANES e quais as necessidades de informação que surgiram nesse contexto.

Todas as entrevistas foram audiogravadas após o consentimento dos participantes e transcritas na íntegra imediatamente após os encontros. Em seguida, os dados foram codificados, agrupados e categorizados de acordo com o método da análise de conteúdo indutiva, de forma progressiva e concomitante com a realização das entrevistas.

A análise de conteúdo é um método consagrado, que tem sido vastamente utilizado em estudos na área da enfermagem ao longo da história e busca analisar mensagens de comunicação escrita, verbal ou visual, sendo um meio sistemático e objetivo de descrever e quantificar os fenômenos, tornando replicáveis e válidas as inferências dos dados para o seu contexto, com o objetivo de fornecer conhecimento, uma representação dos fatos e um guia prático de ação. Também visa obter uma descrição condensada e ampla de um fenômeno, de modo que os resultados da análise sejam conceitos ou categorias que descrevem este fenômeno (ELO; KYNGÄS, 2008).

Este método de análise constitui-se de três fases (Figura 1): preparação, organização e relato de resultados. Na fase de preparação, após as entrevistas terem sido transcritas integralmente, exatamente como aparecem na gravação, são realizadas inúmeras leituras do material transcrito a fim de que haja uma compreensão dos dados como um todo e sejam identificadas unidades de significados, que são palavras, frases ou parágrafos que apresentem relação com a temática estudada e o contexto em que foi pesquisada, sempre embasado pelos objetivos do estudo (ELO; KYNGÄS, 2008).

Figura 1 - Fases de preparação, organização e relato de resultados no Processo de Análise de Conteúdo Indutiva.



**Fonte:** Adaptado de ELO e KYNGÄS (2008)

A segunda fase da análise de conteúdo indutiva, que consiste na organização dos dados, coletados, passa pelas etapas: codificação, categorização e abstração. Na codificação, à medida que o material transcrito é lido, vão sendo anotados todos os temas e informações relevantes encontrados, que descrevam os aspectos do conteúdo analisado. Após essa codificação, as listas de categorias são agrupadas conforme a similaridade dos temas abordados. Essa categorização é realizada para que se possa descrever o fenômeno em estudo e ampliar a compreensão e o conhecimento do mesmo. Neste momento, o pesquisador tem a função de decidir, através da interpretação, quais conteúdos deverão pertencer às mesmas categorias. Na abstração dos dados, o pesquisador formula uma descrição geral de cada tópico de pesquisa por meio das categorias. Cada categoria é nomeada conforme as características que apresenta. Finalmente, na terceira e última fase, são relatados detalhadamente o processo de análise dos dados e os resultados obtidos a partir desta análise (ELO; KYNGÄS, 2008).

## 6 RESULTADOS

Foram convidados a participar do estudo 43 professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental, porém seis deles não quiseram participar por falta de tempo disponível e cinco deles agendaram a entrevista, mas não compareceram. Deste modo, participaram do estudo um total de 32 professores, que eram do sexo feminino (100%), com idades entre 22 e 54 anos com (média= 33,35). O tempo de formação oscilou entre 0 e 34 anos com (média=8) e o período de atuação na instituição variou entre 7 meses e 12 anos com ( média=5,29). A maioria das participantes tinham pelo menos um filho (média=1,84), já 21 delas eram casados ou estavam em uma união estável (65,6%).

Indicativo de que 20 delas apresentavam pelo menos uma graduação concluída (21,8%) e 5 em processo de conclusão (15,6%), sendo que 3 possuía pós graduação na área da educação em psicopedagogia (12,5%). Quanto à atuação na instituição, 22 eram regentes (65,6%), 3 eram especialistas (12,5%) e 7 eram assistentes (21,8%).

A coleta de dados ocorreu no período de outubro de 2018 a maio de 2019 e as entrevistas tiveram duração média de 13 minutos, tendo ocorrido cerca de dois encontros com cada participante, um para fazer o convite, explicar sobre os procedimentos da pesquisa e agendar a entrevista e outro para realizar a coleta de dados. As entrevistas foram realizadas em salas privativas individualmente, com exceção de uma dupla de professores que optou por responder às perguntas conjuntamente. Para manter o anonimato dos entrevistados foram identificados com a letra (E).

A análise dos dados obtidos resultou em duas categorias: Desafios vivenciados pelos professores e as Estratégias facilitadoras.

### 6.1 Desafios vivenciados pelos professores

Os participantes relataram que encontravam muitos desafios diante da inserção de uma criança com necessidades especiais de saúde na sala de aula regular. Um dos principais desafios relatados foi com relação à falta de conhecimento ou experiência para lidar com essas crianças, visto que apresentam particularidades relacionadas aos diferentes diagnósticos, além da individualidade com que estes manifestam-se em cada uma delas. A grande maioria dos participantes sentiam-se despreparados, receosos e inseguros para lidar com essas

crianças, principalmente por ser uma temática nova e pouco conhecida e devido à grande responsabilidade que precisavam assumir.

*“E assim cada dia você tem que entender o aluno diariamente, para se saber como que você vai agir em determinado dia, cada dia é um dia[...] De todas as experiências que eu tenho, é conforme a convivência com o aluno que tive.”(E11)*

Os professores criam muitas expectativas em relação ao desempenho e evolução da criança durante as aulas e, por isso, investem o seu tempo e dedicação da melhor forma que conseguem. Porém, muitas das vezes, sentem-se frustrados ao perceberem que essas expectativas não estão sendo alcançadas devido às limitações que a criança apresenta. Para eles, é difícil saber se elas estão realmente aprendendo, se conseguem acompanhar a turma, se irão evoluir. E quando se certificam de que a criança não está evoluindo ou quando esta nega-se a realizar alguma atividade, ficam sem saber se isso deve-se à condição limitante da criança ou se é displicência e desinteresse da mesma.

*“A gente fica muito frustrada e não sabemos se estamos fazendo da maneira certa, a gente cria às vezes expectativas e aí depois a gente não consegue alcançar.”(E20)*

*“Em muitos dos casos, a gente não tem como saber o grau de comprometimento da necessidade deles, alguns a gente não sabe até onde eles vão, alguns a gente não sabe se eles vão evoluir naquilo, naquele aspecto de alfabetização, se vai ter evolução.” (E8)*

Existe uma dúvida constante sobre quais são as condutas mais adequadas em cada uma das situações que vivenciam com essas crianças, de modo que os docentes desenvolvem uma autocobrança por fazerem sempre o melhor por elas. Segundo eles, não é possível padronizar as atividades e métodos de ensino para as CRIANES, visto que apresentam diferentes tipos de limitações e comportamentos e que a própria criança pode apresentar uma demanda diferente a cada dia.

*“Preparados, preparados a gente nunca está, pronta completamente a gente nunca está. Porque todo dia é uma descoberta, todo dia o aluno apresenta um comportamento diferente.” (E1)*

*“Mas não deixa de ter dificuldades, porque cada dia é uma surpresa.” (E1)*

Por conviverem diariamente por um longo período de tempo com a criança, os professores passam a desenvolver uma relação de vínculo e proximidade com as mesmas, de modo que as CRIANES se apegam a eles, resistindo à interação e aproximação com outros colaboradores. Devido a isso os participantes referiram muita dificuldade para encontrar um substituto que a CRIANES aceite quando têm algum imprevisto e precisam ausentar-se da sala de aula. Eles também disseram que essas crianças têm uma rotina específica, que deve ser meticulosamente respeitada para que a criança se sinta segura e consiga permanecer tranquila durante as aulas e a ajude no foco.

*“Eu não posso faltar aqui de jeito nenhum, porque a gente se sente em uma obrigação. O dia que eu não venho pra escola se acontece alguma coisa, se eu atraso, se eu tenho que ir embora mais cedo, ela não faz atividade com outra pessoa.” (E4)*

*“Ter um núcleo para me dar este apoio, essa salinha que vai fazer um cronograma, algo que a criança goste, algo que de atração pra ela ficar dentro da sala de aula, um lugar para ela poder sair, e depois voltar, pra ajudar ele na concentração e tal e tal.” (E7)*

Os participantes queixaram-se da dificuldade de acesso ao laudo da criança, uma vez que nem todas têm um diagnóstico fechado, impossibilitando a construção de um Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) e uma melhor personalização do ensino para a criança. Além disso, os professores apontaram como um grande desafio o fato de nem sempre os pais e familiares aceitarem a condição e as limitações da criança e omitirem informações importantes, desejando que ela acompanhe o ritmo dos outros colegas da turma e exigindo dos docentes e da própria criança um desenvolvimento que está além das suas capacidades. Isso faz com que todos os envolvidos neste processo se sintam frustrados e desmotivados, prejudicando a qualidade do ensino.

*“Às vezes eu penso que os pais não querem. O pior no contexto escolar é quando não aceitam a ajuda e não querem que falemos que o filho tem problemas. Então a dificuldade maior vem da família, porque os pais não cooperam com nós professores. Então isso dificulta, porque a escola quer ajudar, principalmente a escola, que quer é o melhor.” (E27)*

*“Às vezes a família não passa muita coisa, omite informações, aceitação, traz um laudo que não tem muita coisa ao certo... às vezes é um laudo que não está finalizado, então a gente realmente não tem uma segurança plena, tem hora que a gente nem concorda com o laudo, porque nós vemos uma coisa e no laudo está outra totalmente diferente.” (E10)*

Também foram relatadas dúvidas no que diz respeito à manutenção da saúde e segurança dessas crianças, visto que muitas delas utilizam dispositivos como sondas e sensores, requerem cuidados específicos com dieta e higiene, além de necessitarem da administração de medicamentos durante o período que estão na escola. Eles referiram insegurança nesse aspecto por não terem um conhecimento específico na área da saúde e mostraram-se receosos com relação à responsabilidade de identificação de alterações ou instabilidades nessas crianças e às suas habilidades de manejarem possíveis intercorrências que viessem a surgir.

*“As vezes uma criança com sonda, então acredito que deveria ter um treinamento para caso a criança se engasgar, então saber quais as medidas a serem tomadas, pois segundos fazem diferença.” (E 25)*

## 6.2 Estratégias facilitadoras que os professores utilizam

Ao compartilharem suas experiências em sala de aula, os professores apontaram estratégias que vêm sendo utilizadas para superar os desafios encontrados. Dentre elas, a principal referida foi a colaboração entre os professores regentes e aqueles que atuam como assistentes de ensino (professores que auxiliam o regente e ficam responsáveis pela assistência individual da CRIANES em sala de aula). Segundo eles, o trabalho de parceria mútua entre esses profissionais é essencial para a facilitação e qualidade do processo de ensino e aprendizagem dessa clientela, visto que dependem de dedicação exclusiva para alguns cuidados específicos e de atividades adaptadas e personalizadas.

*“O fato de ter uma pessoa para acompanhar essa criança durante todo o período que ela fica na escola, eu acredito que já é uma inclusão, pois ajuda a nós professores e tendo um suporte das assistente né orientando ele, e eu consigo continuar e ele estará participando ali comigo, mantendo ele junto com todo mundo.” (E20)*

*“Ele é totalmente dependente, então ele precisa de alguém o tempo todo perto dele.”(E29)*

Também foi apontada a parceria entre professores, instituição e família como estratégia para a melhoria do processo de inclusão dessas CRIANES, no sentido de ambas buscarem conjuntamente por meios que beneficiem essa questão. Os participantes relataram que essa cooperação ocorre quando, além de compreenderem e aceitarem as limitações da criança, os familiares compartilham informações importantes sobre o laudo, sinais e sintomas apresentados pela criança e especificidades de seu diagnóstico. Além de explicarem minuciosamente sobre os cuidados de saúde que devem ser dispensados à criança enquanto estiver no ambiente escolar.

*“A família também vai colaborar com a inclusão/educação isso constantemente pra que o menino sintasse bem no local, porque a escola vai é dar continuidade daquilo que a família já começa a trabalhar em casa né.” (E30)*

Outra estratégia predominante nos relatos foi a busca por conhecimentos mais aprofundados sobre os diagnósticos e condições das crianças como uma iniciativa individual de cada professor. As fontes mais utilizadas eram a internet, cursos virtuais e a partilha de experiências empíricas de colegas que já haviam vivenciado situações semelhantes anteriormente.

*“Foi por minha conta, e eu vou perguntando correndo atrás com colegas que tem contato também.” (E31)*

A instituição de ensino em que foi realizada a pesquisa possuía uma clínica onde eram prestados cuidados básicos de enfermagem como aferição de sinais vitais e curativos simples por um profissional de enfermagem que estava sempre de plantão. Os docentes apontaram esses atendimentos como um recurso extremamente válido e importante, que conferia segurança a eles enquanto responsáveis diretos pela criança no período de aula e também aos pais e familiares.

### 6.3 Estratégias facilitadoras que os professores sentem necessidade

Embora tivessem desenvolvido diversas formas de superação dos desafios encontrados, os professores sentiam falta de alguns recursos que consideravam importantes para a qualidade do processo de inclusão. Dentre eles, a oferta de

cursos de reciclagem voltados para o ensino de crianças com necessidades especiais foi apontada para complementar o seus conhecimentos pedagógicos, visto que consideravam muito superficial o ensino dessa temática nos cursos de pedagogia ou licenciaturas. Eles gostariam de conhecer os diversos mecanismos facilitadores do processo de ensino aprendizagem no contexto da educação especial.

Outros docentes gostariam que, além de capacitações pedagógicas, fossem ofertados cursos voltados para os cuidados básicos de saúde que essas crianças demandavam e, principalmente, relacionados ao manejo de intercorrências com essas crianças. A atuação correta diante de uma crise convulsiva foi um dos exemplos mais citados e temidos pelos professores, além do receio de que houvesse obstrução de vias aéreas, síncofes ou até mesmo paradas cardiorrespiratórias. Embora já tivessem recebido diversos treinamentos nessas temáticas, os professores gostariam que fossem mais direcionados ao público das CRIANES e que fossem ministrados com uma frequência maior pelos profissionais de saúde, incluindo demonstrações e treinamentos práticos.

Eles também gostariam de reber orientações mais específicas sobre técnicas de estimulação simples que pudessem ser realizadas por eles mesmos durante a aula e que ajudassem no desenvolvimento neuropsicomotor. Outra temática demandada foi sobre o manejo dos dispositivos de saúde utilizados por essas crianças, como por exemplo as sondas. Eles gostariam que a enfermagem realizasse treinamentos mais específicos sobre isso para que esses equipamentos não lhes parecessem tão estranhos.

*“Eu conheço casos que tem esse uso do material (dispositivos tecnológicos), e assim nós aqui não temos essa experiência, e esse preparo de enfermagem, então eu acho que a proximidade do enfermeiro é importante, nem que seja assim passar durante o dia, avaliar como está, se está certinho, se precisa de alguma coisa.”(E1)*

*“O professor ele precisa de uma certa capacitação pra ele entender essas crianças também, e se ele não tiver essa capacitação ele vai acabar indo por um caminho errado, mas essa capacitação ela tem que ser feita por profissionais mesmo da área de saúde.”(E30)*

Também foi apontado pelos participantes a importância de que houvesse uma comunicação em rede entre todos os profissionais envolvidos no tratamento da CRIANES, visto que na maioria das vezes informações relevantes perdiam-se por não haver contato e parceria. Segundo os docentes, a possibilidade de discutir o caso individual de cada criança com seus médicos, fisioterapeutas, psicólogos e

enfermeiros faria total diferença na garantia de melhora da assistência. Foi bastante enfatizado por eles o desejo de que os profissionais de saúde apresentassem e explicassem com mais detalhes as especificidades do laudo médico de cada uma dessas CRIANES, esclarecendo suas principais dúvidas sobre os diagnósticos e limitações.

*“Capacitação né, uma assistência sempre se possível mensal, dos profissionais que acercam essas crianças, eles darem feedback sobre tudo o que eles encontram nas crianças especiais, e resultados positivos e negativos de como está sendo os resultados com a criança.” (E18)*

*“Dar algum segmento, porque eu acho que é muito assustador para todo mundo, chegar uma criança assim, igual já tive uma aluna que se alimentava por sonda. E nós professores ficávamos e aí [...]o que fazer, a gente quer também participar de tudo em torno daquela criança, porque e se caso ocorrer uma eventualidade e precisar.” (E20)*

*“Ela faz uso de medicamentos, faz acompanhamento com a Neurologista, Psicóloga, Terapeuta Ocupacional. Então assim uma parceria com estes profissionais para nos nortear.” (E23)*

*“Acho muito importante informações sobre os equipamentos, pois caso aconteça de haver uma necessidade, porque é vida que temos nas mãos da gente.” (E16)*

## 7 DISCUSSÃO

A criança especial devido a uma condição crônica, necessita de cuidados específicos como administração das medicações, dieta especial e tecnologias específicas, ou seja, que requerem cuidados temporários ou permanentes de saúde (CALDAS *et al.*, 2019; MOREIRA *et al.*, 2017; NOGUEIRA REIS *et al.*, 2017; VIANA *et al.*, 2018). Visto que devido a elas hoje estarem sendo introduzidas no cenário escolar carecem também de um olhar voltado para esta comunidade, sendo assim, cada dia novas responsabilidades vêm sendo passadas para as escolas e professores. As questões de saúde estão se tornando cada vez mais necessárias de serem discutidas no ambiente escolar, onde vivenciam questões de saúde/ cuidado, medicação, manuseio de equipamentos, de maneira crítica e contextualizada.

Hoje com elas sendo inseridas nas escolas, os professores revelam as limitações presentes à uma CRIANES, tanto no quesito comportamental, na socialização, quanto aprendizado e comunicação. Exige dos educadores especificidades para atendê-los em suas particularidades, o processo inclusivo demanda determinados aspectos em relação educador-criança e os familiares, em uma espécie de todos em conjunto (BOSSI; PICCININI, 2019; MAGNABOSCO; SOUZA, 2018; VIANA *et al.*, 2018).

Tendo em vista a grande migração dos alunos das escolas especializadas (APAE), e classes especiais, para as classes comuns das escolas regulares, (CARVALHO-FREITAS *et al.*, 2015; NOGUEIRA REIS *et al.*, 2017; SOUZA; MINETTO, 2017). Assim de acordo o estudo de Silveira *et al.* (2020) os professores relatam também que deve haver essa migração, mas ela precisa andar em conjunto, as CRIANES não fiquem apenas na escola regular, e sim continuar o acompanhamento nas escolas especializadas, e com profissionais da área de saúde onde passa a ter então um aprendizado mútuo.

Contudo, apesar da marcante e significativa presença das CRIANES no meio escolar, na grande maioria das vezes, essa inserção não tem sido acompanhada de condições físicas e de apoio favoráveis para recebê-las (BRAZ-AQUINO; FERREIRA; CAVALCANTE, 2016; VIANA *et al.*, 2018; SOUZA; MINETTO, 2017). Onde a escola e os professores são de considerável papel para o desenvolvimento educacional, social, cultural e emocional na vida dos alunos. Pois mesmo que os professores fazem o seu melhor com estratégias, modificações de conteúdos e dinâmicas, ainda assim ressaltam sobre os desafios e até mesmo frustrações, diante das incertezas em desenvolver as atividades planejadas (VIANA *et al.*, 2018).

Em suma, há carência investimentos no preparo técnico dos profissionais da educação no que diz respeito ao desenvolvimento, conhecimentos específicos e técnicos para que sejam capazes de criar estratégias didáticas que atendam às demandas de crianças especiais (BATISTA;MOUTINHO, 2019). Sendo de grande relevância que o professor passe por capacitação, devido a serem o responsável pela passagem dos conhecimentos acadêmicos, orientações infantil e inclusão de seus alunos (NEVES *et al.*, 2017; VIANA *et al.*, 2018).

Os profissionais da educação ressaltam que tentam lidar com as dificuldades da comunidade escolar para com as CRIANES, que muitas das vezes sentem dificuldades para com os recursos, materiais e adaptações, onde nem sempre conseguem se adequar á aquele aluno ou atingir o propósito que o professor e a criança necessita (AVELINO; FERRAZ, 2021). Conforme os dados da entrevistas com os professores, vimos muitos relatos de anseios, frustrações e dificuldades em adaptar materiais pedagógicos, em que, muitas vezes investem em tempo e recursos próprios para adequação, ou aprendem sozinhos com as dificuldades de lidar no dia a dia com as CRIANES. Visto que o professor não está preparado, aprendem no ato do dia a dia, conforme o que é vivenciado em sala de aula e nas características das crianças e seus laudos (NEVES *et al.*, 2017).

Sendo que para uma inclusão plena, deve se ter o olhar voltado para as CRIANES e atender as suas necessidades específicas, ou seja, cada uma dessas CRIANES e suas especificidades conforme citados no resultados destas entrevistas com os professores. Pois cada uma evolui de um jeito, no seu ritmo, e no seu tempo de aprendizagem. Onde a comunidade escolar deve avançar com o educar, e também caracterizar a integração e inclusão da CRIANES, sendo que a integração deve adaptar, evoluir, e já a inclusão, condiz com a adaptação do meio escolar ou seja o ambiente que for, atender às necessidades dos alunos (AVELINO; FERRAZ, 2021).

Os professores dão o melhor de si, trabalham de modo a dar o apoio necessário para que a CRIANES se sinta incluída e ocorra da melhor forma possível (NEVES *et al.*, 2017). E mesmo diante das dificuldades enfrentadas, á uma disposição dos professores para aplicar mudanças na comunidade escolar. Nota-se, a busca por conhecimentos, o olhar para cada CRIANES, a busca para com professores anteriores. Mediante a intenção de atualizar a situação atual e possibilitar condições que predispõe para efetivação da inclusão escolar, mesmo que ainda haja uma longa jornada a percorrer.

A pesquisa realizada enfatiza a questão dos professores em relação à falta de conhecimento e o aprendizado deles sobre a nova demanda escolar de CRIANES, sendo que o conviver com a dificuldade levam a aprender algo. Contudo ainda

assim, acabam realizando pesquisas nas mídias sociais por conta própria, para suprirem as dúvidas e dificuldades, na qual essa realidade deveria ser passadas a eles por um profissional da área da saúde, no qual são quem tem total respaldo para isto (CALDAS *et al.*, 2019). A análise evidencia que a família precisa também estar inserida nos cuidados com os seus filhos na educação, ultrapassar as limitações da aprendizagem e auxiliar nas possibilidades ensino (TABILE, JACOMETO; 2017). O que acontece é que muitas vezes os pais atribuem à escola a total responsabilidade no professor, desligando-se do seu compromisso enquanto família também cuidadora.

Há uma carência do trabalho em harmonia com os pais e responsáveis, a cerca de atitudes que os pais acometem como falta de informações, a falta compromisso em proceder com as atividades, tudo isso dificulta. Pois é primordial para a ocorrência plena da inclusão escolar, onde o processo de desenvolvimento de habilidades dependem do vínculo com as famílias, de esforços e colaboração, tanto quanto por parte da escola como da família (SILVEIRA *et al.*, 2020; SILVA, CARVALHO, 2017; NEVES *et al.*, 2017). A educação de crianças com necessidades educacionais especiais é uma tarefa a ser dividida entre pais, profissionais educadores e profissionais da saúde. Uma atitude positiva da parte dos pais favorece a integração escolar e social. Por isso, a importância de encorajar e apoiar a participação de atividades educacionais em casa junto a família, bem como na supervisão e apoio à aprendizagem da CRIANES, pois a educação começa em casa.

Contudo reforça Viana *et al.* (2018) é imprescindível que os professores e cuidadores em torno das CRIANES tenham contato com profissionais de saúde, onde possam trocar e ofertar informações, conhecimentos para o melhor bem estar das CRIANES e segurança. Como o manejo para com elas, as intercorrências, pois o que dificulta o processo de inclusão escolar é a falta de preparo, capacitação dos profissionais da educação e a falta de estrutura das escolas. Onde uma equipe interdisciplinar de saúde na comunidade escolar possam formular estratégias, trocas, de modo que se predisponha sobre as limitações da criança e a ajude a se adaptar, para a ocorrer da melhor forma a inclusão.

Dados citados em nossas entrevistas como também em estudos, revelam que seria de suma importância ter um contato maior com profissionais da saúde especialistas, para que fossem feitas parcerias de educação continuada com psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais, onde poderiam instruir os profissionais da educação acerca das melhores estratégias de cuidado a serem passadas a esses docentes (BATISTA; MOUTINHO; 2019).

Visto que CRIANES cumpre uma jornada de cinco horas consecutivas, onde

necessitam de cuidados específicos e adequados que apenas o profissional de saúde, no caso, o enfermeiro, é apto a realizá-los. E além do mais faz parte da atuação da enfermagem a orientação aos profissionais que participam do cuidado às CRIANES no âmbito escolar. Portanto os enfermeiros e equipe de saúde devem estar atentos a este processo e valorizar a educação em saúde.

Foi possível identificar a importância de recursos didáticos, ausência de formações continuadas, também como não ter acesso a palestras, panfletos, cursos, são os principais fatores citados pelas participantes nas necessidades apresentadas para com o processo de inclusão escolar a essas CRIANES (BATISTA; MOUTINHO; 2019). Entende-se que o movimento da Inclusão Escolar e as mudanças nos paradigmas de saúde ainda não foram bem compreendidos pelos docentes e em consequência identifica-se a necessidade de capacitações e treinamentos para os profissionais do campo educacional, além de um maior envolvimento dos profissionais da área da saúde. Estes no qual desenvolvam ações de saúde no ambiente escolar, em especial fornecendo um maior suporte aos educadores.

Nesse contexto, a criança que apresenta necessidades especiais de saúde, além do apoio da família e amigos, torna-se indispensável à colaboração de profissionais e instituições de saúde (CABRAL; MORAES, 2015; CALDAS *et al.*, 2019; VIANA *et al.*, 2018; HOCKENBERRY, WILSON e RODGERS, 2018). Durante as entrevistas estas questões de apoio e orientações dos profissionais da saúde, e de todos ao entorno da CRIANES foram expostas. Os professores desvelam a importância de ter um acompanhamento com profissionais da saúde, assim como ter um enfermeiro na unidade escolar, para passar os saberes e atender as necessidades dos cuidados para com as CRIANES e demais intercorrências que podem acontecer em um cenário escolar. Visto que é o papel dos profissionais de saúde, pois são capacitados para atender e passar ensinamentos sobre as necessidades dessas CRIANES, no qual são crianças que necessitam de cuidados integrais além do esperado para a idade, tornando-as totalmente dependentes de um cuidador para as atividades de vida diária.

Devido a isso, a importância de ter uma capacitação para os professores, de um acompanhamento com profissionais da saúde, o enfermeiro, (CALDAS *et al.*, 2019). De forma a estar sempre presente desenvolvendo panfletos, ministrando palestras sobre cada diagnóstico presente na escola, e sempre ir tendo atualizações. Nesse sentido, o enfermeiro é profissional da saúde que tem como parte primordial do seu processo de trabalho intervir, para promover, proteger, e prestar assistência de qualidade as CRIANES. Auxiliando e mostrando a família, o cuidador, a escola, que não estão sozinhos na jornada de cuidados, estando presente para o esclarecimento de dúvidas e orientações, e para a troca de

experiências.

A partir de algumas das reflexões acerca dos desafios e dificuldade com as CRIANES, no qual foram indicados pelos participantes do estudo, diz respeito à insegurança com relação a como proceder adequadamente no caso de ter alguma intercorrência em sala de aula. Todavia receber tais instruções acalenta os professores e os deixam menos apreensivas quanto a como agir nesses casos, pois com bases de profissionais de saúde, terão informações precisas que efetivamente auxiliem nos cuidados com as CRIANES (BATISTA; MOUTINHO; 2019). Visto que no âmbito escolar a aproximação destes profissionais da área da saúde e educação é imprescindível, pois contemplam com o diálogo, ensinamentos, construção de redes de apoio socioeducativas, e favorecer os vínculos entre familiares e escola, entre outros, só tende a ser enriquecedor.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou a experiência de professores de uma escola regular na inclusão de CRIANES, e quais os desafios e estratégias encontrados neste contexto. Em relação às entrevistas com os professores, as respostas mais comuns referem-se a cuidados quanto ao uso de medicamentos contínuos, uma metodologia diferenciada, de ter maior facilidade no acesso para com os profissionais de saúde e apoio de equipe multidisciplinar, também diálogo permanente com a família e sala de recurso, ter profissional habilitado, palestras para professores sobre a doença, socialização e bem-estar no ambiente escolar.

Entende-se que ao compartilharem suas experiências, dúvidas, inseguranças, medos e incertezas durante as entrevistas foram identificadas as necessidades e dificuldades dos docentes. No qual desvelam a importância de ter um maior envolvimento com profissionais da saúde, assim como ter um enfermeiro na unidade escolar, para passar os saberes, e atender as necessidades dos cuidados para com as CRIANES, e demais intercorrências. Em resalta que estes desenvolvam ações de saúde no ambiente escolar, em especial fornecendo um maior suporte aos educadores.

Logo, é necessário considerar as falas dos profissionais da educação, pois os professores são como citados por eles mesmos quem estão em contato diário e maior com as CRIANES, sentem-se que a responsabilidade é muito grande. Podendo estes então detectar a necessidade de cada uma das CRIANES, e trocar experiências com os profissionais de saúde para que haja um crescimento em cima da CRIANES. Resultando assim, um ensino de qualidade nas escolas regulares.

Considerando-se então, como até mesmo sugestões dos professores, que tais planos possam ser desenvolvidos por um time de profissionais de saúde, dentre os quais destaca-se o enfermeiro, estando em contato diário no cenário escolar, auxiliando para que não se sintam perdidos em como proceder, e ao receber uma CRIANES.

Enfim, este estudo sugere questionamentos acerca das CRIANES em como a enfermagem pode colaborar, e que novas pesquisas possam surgir para dar um aval ao cenário escolar, aos professores, e aos pais.

## 9 REFERÊNCIAS

ALVES A. C.; JUNIOR C. A. B.; AVANTI E. A. F. O processo de cuidar de crianças com necessidades especiais desenvolvidos por familiares: tendências para atuação da enfermagem. **Rev. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium Curso de Enfermagem**, 2015. Disponível em: < <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/59364.pdf>> Acesso em 28 Abril 2018.

AVELINO, M. O. de A.; FERRAZ, P. C. da S. Educação Inclusiva: Olhar dos Profissionais Sobre as Crianças Com Síndrome Congênita do Zika Vírus na Gerência Regional de Educação Cajazeiras e Pirajá: um Estudo Transversal. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [s. l.], v. 27, p. 251–268, 2021. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0056>> Acesso em 10 Janeiro 2021.

BARREIROS, C. F. C.; GOMES, M. A. de S. M.; MENDES JÚNIOR, S. C. do S. Children with special needs in health: challenges of the single health system in the 21st century. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s. l.], v. 73, n. suppl 4, p. 1–5, 2020. Disponivem em:<<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0037>> Acesso em 10 Janeiro 2020.

BATISTA, G. D. M.; MOUTINHO, A. K. Desafios e possibilidades da inclusão escolar de crianças com a Síndrome Congênita do Vírus Zika: o olhar docente. **Revista Educação Especial**, [s. l.], v. 32, p. 68, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/1984686X36360>> Acesso em 17 Novembro 2019.

BOSSI, T. J.; PICCININI, C. A. Acompanhamento para educadoras de bebês com deficiência em creche: relato de experiência. **Estilos da Clínica**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 358–370, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p358-370>> Acesso em 14 Março 2019.

BRASIL (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF. Senado Federal: Centro Gráfico. Acesso em 5 Outubro 2018.

BRASIL, **lei n:13.146**. De julho de 2015. Institui a lei Brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Inclusão). Disponível em :<[http://www.punf.uff.br/inclusao/images/leis/lei\\_13146.pdf](http://www.punf.uff.br/inclusao/images/leis/lei_13146.pdf) > Acesso em 21 Junho 2019.

**Brasil. (2008)**. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Recuperado a partir de <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança orientações para implementação / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília : Ministério da Saúde, 2018. Acesso em 15 Maio 2019.

BRAZ-AQUINO F.S.; FERREIRA I. R. L.; CAVALCANTE L. A. Concepções e práticas de psicólogos escolares e docentes acerca da inclusão escolar **Rev. Psicologia Ciências Professor**. v. 36, n. 2, p. 255-266, 2016. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n2/1982-3703-pcp-36-2-0255.pdf> > Acesso em 21 Maio 2018.

CABRAL, Evangelista Ivone et al. Demandas de crianças com necessidades especiais de saúde na atenção primária da cidade do rio de janeiro. **Ciências Cuidado e Saúde**, [s. l.], v. 19, p. 1–10, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.4025/cienccuidsau.de.v19i0.50479> > Acesso em 21 Março 2020.

CABRAL, I. E.; DE MORAES, J. R. M. M. Family caregivers articulating the social network of a child with special health care needs. **Revista brasileira de enfermagem**, [s. l.], v. 68, n. 6, p. 1078–1085, 2015. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680612i> > Acesso em 21 Abril 2018.

CALDAS Ana Caroline Silva Et al. Produção sensível e criativa de tecnologia cuidativo-educacional para famílias de crianças com gastrostomia. **Escola Anna Nery**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 1–8, 2019. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0144> > Acesso em 25 Fevereiro 2019.

CARVALHO-FREITAS, Maria Nivalda et al. Psychosocial characteristics of the initial contact with students with disabilities. **Psicologia e Sociedade**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 211–220, 2015. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n1p211> > Acesso em 21 Junho 2018.

COELHO G. R.; CAMPOS J. Ap. P. P.; BENITEZ P. RELATOS DE PAIS SOBRE A INCLUSÃO E A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE FILHOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 23, n. 1, p. 22-41, jan. 2017 . Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682017000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000100003&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 11 Março 2021.

CRUZ, Caroline Teixeira et al. Atenção à criança com necessidades especiais de cuidados contínuos e complexos: percepção da enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**, [s. l.], v. 21, p. 1–7, 2017. Disponível em:< <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20170015> > Acesso em 15 Março 2018.

Declaração Mundial de Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem. Conferência Mundial sobre Educação para

Necessidades Especiais, **1994, Salamanca** (Espanha). Genebra: UNESCO, 1994. Acesso 25 Maio 2018.

DIAS, Beatriz Caroline et al. Desafios de cuidadores familiares de crianças com necessidades de cuidados múltiplos, complexos e contínuos em domicílio. **Escola Anna Nery**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 1–8, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0127>> Acesso em 21 Abril 2020.

ELO, S. et al. Qualitative Content Analysis. *SAGE Open*, v. 4, n. 1, p. 215824401452263, 2014. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2158244014522633>>. Acesso em: 12 Setembro 2020.

ESPER, M. V.; NASCIMENTO, L. C. Narrativas gráficas sobre família por crianças matriculadas em uma escola de atendimento especializado. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 36, n. 111, p. 275-284, dez. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862019000400003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862019000400003&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 26 Janeiro 2021.

GÓES, F. G. B.; CABRAL, I. E. Discursos sobre cuidados na alta de crianças com necessidades especiais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s. l.], v. 70, n. 1, p. 163–171, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0248> > Acesso em 21 Abril 2020.

HOCKENBERRY M. J.; WILSON D.; RODGERS C. C Wong fundamentos de enfermagem pediátrica. 10. ed – Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

INÁCIO, A. L. R.; PEIXOTO, A. P. G. L. A assistência de enfermagem e o cuidado familiar às crianças com necessidades especiais de saúde: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira Ciências da Saúde - USCS**, [s. l.], v. 15, p. 87–94, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.13037/ras.vol15n53.4593>> Acesso em 26 Janeiro 2021.

**Lei nº 12.796**, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796)>. Acesso em 21 Abril 2020.

**Lei n.º 8.069**, de 13 de julho de 1990 (1990, 13 de julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília. Recuperado a partir de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm).

**Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm)

LIMA, Hentiele Feksa et al. (Des)constituição da rede de atenção à saúde de crianças/adolescentes com necessidades especiais de saúde. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [s. l.], v. 11, p. e40, 2021. Disponível em:< <https://doi.org/10.5902/2179769248104>> Acesso em 26 Janeiro 2021.

LUNA, M.B.C.S. D; NAIFF, L. A. M. Representações sociais da deficiência nas famílias: um estudo comparativo. **Psicologia e Saber Social**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 19–33, 2015. Disponível em:< <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2015.11311>> Acesso em 28 Abril 2018.

Ministério da Educação (2016). A Consolidação da Inclusão Escolar no Brasil 2003 a 2016. Brasília: MEC. Acesso em 12 Abril 2020.

MAGNABOSCO, M. de B.; SOUZA, L. L. de. Educação inclusiva e as representações dos estudantes sobre seus pares com deficiência. **Psicologia Escolar e Educacional**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 115–122, 2018. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/2175-35392018012631>> . Acesso em 5 Novembro 2019.

MONNERAT, Cecília Paula et al. Estratégia de educação em saúde com familiares de crianças em uso contínuo de medicamentos. **Revista de enfermagem UFPE on line**, [s. l.], v. 10, n. 11, p. 3814–3822, 2016. Disponível em:< <https://doi.org/10.5205/reuol.9881-87554-1-EDSM1011201601>> Acesso em 5 Novembro 2019.

MOREIRA, Martha Cristina Nunes et al. Recomendações para uma linha de cuidados para crianças e adolescentes com condições crônicas complexas de saúde **Cad. Saúde Pública** 33 (11) 21 Nov 2017. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/0102-311X00189516>> Acesso em 5 Novembro 2019.

NEVES, Aline Tatsch et al. O processo de inclusão de crianças com necessidades especiais de saúde na educação infantil. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 374, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2179769225623>> Acesso em 5 Novembro 2019.

NEWACHECK, P.W.; HALFON, N. Prevalence and impact of disabling chronic conditions in childhood. *American Journal of Public Health*, New York, v.88, n.4, p.610-617, 1998.

NOGUEIRA REIS, Kamilla Milione et al . Family experience in household care for children with special needs of health. **Cienc. enferm.**, Concepción , v. 23, n. 1, p. 45-55, Apr. 2017 . Disponível em:< <https://doi.org/10.4067/S0717-95532017000100045>> Acesso em 5 Novembro 2019.

OMS. Relatório mundial sobre a deficiência. **Organização Mundial da Saúde**, 2011 cap:1 p.3. Disponível em:<[http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020\\_por.pdf;jsessionid=0171A32048740892D761AB5B4E973449?sequence=4](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf;jsessionid=0171A32048740892D761AB5B4E973449?sequence=4)> Acesso em 28 Junho 2018.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia**. Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. Acesso em 24 junho 2018.

PONCE, J. O.; ABRÃO, J. L. F. Autismo e inclusão no ensino regular: o olhar dos professores sobre esse processo. **Estilos da Clínica**, [s. l.], v. 24, n. 2, p. 342–357, 2019. Disponível em:< <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p342-357>> Acesso em 23 Janeiro 2020.

RIGO, N. M.; OLIVEIRA, M. M. de. inclusão escolar: efeitos do plano nacional de educação nos planos municipais. **Cadernos de Pesquisa**, [s. l.], v. 51, 2021. Disponível em:< <https://doi.org/10.1590/198053147304>> Acesso em 11 Março 2021.

ROSSETTO, Vanessa et al. Development care for children with special health needs in home care at Paraná - Brazil. **Escola Anna Nery**, [s. l.], v. 23, n. 1, 2019. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0067>> Acesso em 11 Março 2021.

SILVA, N. C.; CARVALHO, B. G. E. Compreendendo o Processo de Inclusão Escolar no Brasil na Perspectiva dos Professores: uma Revisão Integrativa. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 293–308, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1413-65382317000200010>> Acesso 11 Março 2021.

SILVEIR, Andressa da et al. Participação e ausência familiar: implicações para o desenvolvimento de crianças e adolescentes com necessidades especiais. **Revista Contexto & Saúde**, [s. l.], v. 20, n. 38, p. 185–190, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2020.38.185-190>> Acesso em 11 Março 2021.

SILVEIRA A.; NEVES E. T. Vulnerabilidade das crianças com necessidades especiais de saúde: implicações para a enfermagem. **Rev.Gaúcha de Enfermagem**. v. 33, n. 4, 2012. Disponível em:< <http://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/25870>> Acesso em 24 Junho 2018.

SILVEIRA, A. ; NEVES, E. T. Cotidiano de cuidado de adolescentes com necessidades especiais de atenção à saúde. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s. l.], v. 32, n. 3, p. 327–333, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0194201900045>> Acesso em 11 Março 2021.

SILVEIRA, A. D.; NEVES, E. T. Dimensão política do cuidado às crianças e adolescentes com necessidades especiais de saúde: uma reflexão. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 337, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2179769221976>> Acesso em 21 Abril 2018.

SILVEIRA, A. da; COSTENARO, R. G. S.; NEVES, E. T. Adolescents with special health care needs: challenges of school inclusion according to family members/caregivers' viewpoint / Adolescentes com necessidades especiais de saúde: desafios da inclusão escolar no discurso de familiares/cuidadores. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, [s. l.], n. 1995, p. 1290–1295, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.9895>> Acesso em 11 Março 2021.

SOUZA, N. N.; MINETTO, M. de F. O paradigma inclusivo e a educação infantil: qualidade no atendimento e promoção do desenvolvimento. **in: desenvolvimento da criança: família, escola e saúde**. [S. l.]: Omnipax, 2017. p. 129–150. Disponível em: <<https://doi.org/10.7436/2017.dcfes.08>> Acesso em 25 Fevereiro 2019.

TABILE, A.F.; JACOMETO, M.C.D. Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v.34, n.103, p.75-86, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3eNRu3k>>. Acesso em 11 Março 2021.

TRACY, S. J. **Qualitative quality**: Eight “big-tent” criteria for excellent qualitative research. *Qualitative inquiry*, v. 16, n. 10, p. 837-851, 2010. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1077800410383121>> Acesso em 26 maio 2018.

VIANA, Izabella da Silva et al. encontro educativo da enfermagem e da família de crianças com necessidades especiais de saúde. **Texto & Contexto - Enfermagem**, [s. l.], v. 27, n. 3, p. 1–11, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-070720180005720016>> Acesso em 23 Janeiro 2019.

## APÊNDICE I

### **TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Pesquisa: INCLUSÃO DA CRIANÇA COM NECESSIDADES ESPECIAIS DE SAÚDE NO CENÁRIO ESCOLAR: COMO A ENFERMAGEM PODE COLABORAR?

Meu nome é \_\_\_\_\_, sou aluna(o) de enfermagem do Centro Universitário de Lavas UNILAVRAS e membro do grupo que está realizando esta pesquisa, que está sob a coordenação e orientação da Profa. Mestre Rosyan Carvalho Andrade, enfermeira e professora desta instituição.

Por meio deste termo, gostaríamos de informar-lhe sobre o objetivo e procedimentos da pesquisa “Inclusão da criança com necessidades especiais de saúde no cenário escolar: Como a enfermagem pode colaborar?” e solicitar a sua participação neste estudo. Para que possa decidir sobre essa participação, passaremos a explicar sobre a pesquisa e o tipo de colaboração que esperamos do(a) Senhor(a).

O objetivo desta pesquisa é conhecer quais são as principais dúvidas e dificuldades apresentadas pelos professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental em relação à inclusão de Crianças com Necessidades Especiais de Saúde no cenário escolar. Para isso, precisaremos nos encontrar, pelo menos uma vez, para conversar sobre isso. O(A) Senhor(a) poderá escolher o local e o horário em que nos encontraremos, que poderá ser em uma sala privativa nesta instituição, nos horários de intervalos ou janelas, em que estiver livre. Nesses encontros pediremos para a(o) Senhor(a) para nos contar sobre as suas experiências e suas dúvidas em relação ao ensino de crianças com necessidades especiais de saúde. Caso haja necessidade, poderemos nos encontrar mais vezes para continuar a conversa, conforme sua preferência.

Nossos encontros poderão durar mais ou menos 30 minutos, dependendo da sua disponibilidade. Se o(a) Senhor(a) concordar, iremos gravar nossa conversa em aparelho eletrônico com gravador digital, que ficará guardado em local seguro, sob a minha responsabilidade e da coordenadora da pesquisa. Todas essas informações serão mantidas sob a nossa guarda e responsabilidade e serão utilizadas somente para essa pesquisa. Seu nome não irá aparecer e se o(a) Senhor(a) não quiser responder a alguma pergunta ou se não quiser nos contar alguma coisa sobre o(a) Senhor(a) e sobre suas experiência enquanto docente, não haverá problema algum. Sabemos que falar sobre as dúvidas e anseios no seu local de trabalho pode fazer com que o(a) Senhor(a) sinta-se intimidado ou constrangido. Além disso, esta pesquisa ocupará parte do seu tempo fora de sala de aula, na instituição, e poderá alterar a sua rotina de trabalho. Estes podem ser alguns riscos em participar da pesquisa, entretanto, caso isso ocorra, poderemos interromper a entrevista e continuar posteriormente ou não dar continuidade, se esta for a sua opção. Na tentativa de minimizar tais desconfortos, enfatizamos que todas as informações que você nos passar serão sigilosas e nenhum de seus coordenadores terá acesso às suas respostas individuais. Além disso, verificaremos antecipadamente os melhores horários para nossos encontros sejam realizados, em comum acordo com os funcionários e a direção do colégio, a fim de que não haja nenhum prejuízo à qualidade do seu trabalho. Se o(a) Senhor(a) sofrer algum dano à saúde como resultado da participação nesse estudo ou se sentir lesado(a) de alguma forma, nós lhe ajudaremos a procurar meios no serviço público de assistência à saúde para lhe fornecer o atendimento necessário e de forma gratuita. Ao final da sua participação nós nos colocaremos à disposição para o esclarecimento das suas dúvidas sobre a temática do estudo e de qualquer outro questionamento que possa surgir nessa área. Ao assinar este Termo de Consentimento, o(a) Senhor(a) não perderá nenhum direito, inclusive o de obter indenização por dano à saúde, se isto acontecer. O(A) Senhor(a) tem direito à indenização por parte das pesquisadoras e da instituição envolvida nas diferentes fases da pesquisa por eventuais danos decorrentes de

participação nessa pesquisa, conforme a Resolução 466/2012, item IV.3-h. Quando terminarmos esta pesquisa, o resultado final poderá ser divulgado em revistas e apresentado em encontros científicos, como congressos.

## - VERSO DO TCLE -

A sua participação será completamente voluntária e não haverá custos por estar participando, nem remuneração alguma por parte dos pesquisadores ou da instituição participante. O(A) Senhor(a) poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem que seja prejudicado(a) por isso. Os resultados dessa pesquisa não trarão benefícios diretos para o(a) Senhor(a) nesse momento, mas sua participação será importante para que os pesquisadores conheçam as necessidades de informação relacionadas a temática do estudo e sejam capazes de desenvolver um treinamento para o(a) Senhor(a) e seus colegas a fim de sanar suas principais dúvidas a esse respeito. Nós poderemos aprender muito com as experiências que nos forem contadas, melhorando o cuidado que os professores, enfermeiros e outros profissionais de saúde oferecem às crianças com necessidades especiais de saúde.

Caso tenha alguma dúvida, após ler esse documento, que se chama Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a Senhora poderá tirar suas dúvidas comigo e, se concordar em participar, vou pedir que faça o favor de assina-lo em duas vias originais. O(A) Senhor(a) receberá uma via original deste Termo assinada pelos pesquisadores. Se tiver alguma dúvida, poderá nos perguntar ou entrar em contato conosco por meio do endereço ou telefone abaixo.

Esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) do Centro Universitário de Lavras, pois respeita as questões éticas necessárias para a sua realização. O CEP também tem a finalidade de proteger as pessoas que participam da pesquisa e preservar seus direitos. Assim, se for necessário, entre em contato com este CEP pelo (35) 3826-4188 ou e-mail cep@unilavras.edu.br. Caso deseje falar conosco, a Senhora poderá nos encontrar no UNILAVRAS, no endereço - Rua Padre José Poggel, 506 - Centenário, Lavras - MG, 37200-000, pelo e-mail rosyancarvalho@unilavras.edu.br ou através do telefone celular (35) 997544701.

Agradecemos a sua colaboração.

Lavras, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_\_.

Após ter conhecimento sobre como poderei colaborar com esta pesquisa, concordo com minha participação, que decidi por livre e espontânea vontade.

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, aceito fazer parte desta pesquisa, contribuindo com a participação em, pelo menos, dois encontros para responder a uma entrevista, que será gravada. Durante toda a minha participação, sei que vou falar sobre a minha experiência e minhas dúvidas relacionadas ao ensino de crianças com necessidades especiais de saúde. Estou ciente de que quando eu não quiser mais participar, eu posso desistir sem qualquer consequência ruim para mim e para minha família. Sei, também, que ao final desta pesquisa, o meu nome será mantido em segredo. Recebi uma cópia deste documento, assinada pela pesquisadora responsável e sua orientadora, e tive a oportunidade de discuti-lo com, pelo menos, uma delas.

---

Aluno(a) Pesquisador(a)

---

Participante

## APÊNDICE II

### QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SOCIOCULTURAL

Pesquisa: *Inclusão da criança com necessidades especiais de saúde no cenário escolar: Como a enfermagem pode colaborar?*

Entrevista número: \_\_\_\_\_

Data da Coleta: \_\_/\_\_/\_\_\_\_\_

Entrevistador:

\_\_\_\_\_

*Dados do participante:*

1. Data de nascimento: \_\_/\_\_/\_\_\_\_\_

2. Estado

civil: \_\_\_\_\_

3. Tem ou teve filhos? ( ) Sim ( ) Não

Quantos? \_\_\_\_\_

4. Escolaridade: \_\_\_\_\_ Formação:

\_\_\_\_\_

Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

5. Tempo de trabalho na instituição:

\_\_\_\_\_

6. Trabalhou em outras instituições? ( ) Sim ( ) Não Quanto

tempo? \_\_\_\_\_

7. Turma para a qual leciona:

( ) Maternal

( ) Educação Infantil

( ) Ensino Fundamental

( ) Ensino Médio

**APÊNCIDE III****ROTEIRO COM QUESTÕES NORTEADORAS PARA AS ENTREVISTAS**

1. Você sabe o que significa a sigla CRIANES?
2. Quando você pensa em crianças com necessidades especiais de saúde, que tipo de criança lhe vem à mente?
3. Você já teve algum aluno com alguma necessidade especial de saúde? Como ele era? Como foi essa experiência para você?
4. Você já sentiu dificuldade para lidar com uma criança “especial”? Que tipo de dificuldade?
5. O que você acha da inclusão dessas crianças no cenário escolar?
6. Você acha que os professores estão preparados para lidar com esse público nas escolas? E os outros alunos?
7. Como você se imagina lecionando para uma criança desse tipo?
8. Qual você acredita ser o maior desafio para a inclusão plena e segura das CRIANES no cenário escolar?
9. Quais as suas maiores dúvidas em relação à essa temática?
10. O que você acha que poderia ser feito por parte dos profissionais de saúde para garantir a inserção dessas crianças no ambiente escolar com mais qualidade e segurança?
11. Você conhece algum dispositivo ou tecnologia portátil de manutenção da vida, como sondas nasoenterais, tubos de gastrostomia para dieta, aparelhos de ventilação mecânica, traqueostomia? Você acha que seria importante receber informações básicas sobre eles e como manejá-los em situações de intercorrências?
12. Você possui algum conhecimento sobre as doenças e condições básicas mais prevalentes na infância? Acredita que seria importante conhecer essas doenças no que diz respeito a maneira como ela se manifesta nas crianças e as limitações e cuidados relacionados a elas?